

ESTEVÃO DE MENDONÇA

Antônio de Arruda

Como ocupante da cadeira nº 11 da Academia Mato-grossense de Letras, anteriormente abrilhantada por Estevão de Mendonça, tenho tido o ensejo de falar e escrever sobre o ilustre conterrâneo a partir do meu discurso de posse naquela instituição, em 1951. Participando agora desta comemoração do 75º aniversário do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, cabe-me mais uma vez o privilégio de exaltar a personalidade de Estevão de Mendonça.

Vale de início ressaltar a justiça de inserir nesta comemoração o nome daquele que, juntamente com o Dr. Eurico de Gois, teve a iniciativa de fundar o Instituto. O próprio Estevão fez essa confissão, em sua famosa Autobiografia, acrescentando que o Instituto foi instalado em 8 de abril de 1919, coroando, de sua parte, 20 anos de propaganda.

Sem dúvida, o traço marcante da trajetória literária de Estevão de Mendonça foi o de historiador. Chamei-lhe certa vez de retrospectivo porque pertenceu à categoria dos homens voltados para o passado, em contraste com aqueles outros que são dinâmicos e empreendedores, voltados para o futuro, aos quais denominei de prospectivos. Estevão foi retrospectivo e num sentido bem amplo, pois convergiu sempre o melhor de suas energias para o estudo e a compreensão do passado. Foi de fato um historiador, o maior historiador de Mato Grosso, ao lado de Virgílio Corrêa Filho.

Nesse sentido, Estevão de Mendonça orientou-se para a crônica e para a história. Dotado de inegável perseverança, dedicou-se a laboriosas pesquisas que se transformaram em obras de real valor. A expressão maior de todo esse esforço está nas “**Datas Matogrossenses**”, publicadas em 1919, tendo obtido, em 1973, uma segunda edição revisada e atualizada pelo filho do autor, o saudoso escritor Rubens de Mendonça.

Como historiador, Estevão interessava-se pelos fatos, mas não somente pelos fatos. Compreendeu que os fatos são a matéria-prima da história, mas exigem um trabalho de interpretação, de triagem e, portanto, de criação. Anotando e registrando acontecimentos, com pormenores interessantes, que de outro modo estariam talvez perdidos para sempre, Estevão dava-lhes um toque pessoal de tratamento. Louvando ou criticando, quando necessário, deixou-nos muitos perfis de vultos de maior ou menor relevo, mas sempre significativos para o conhecimento de nosso

passado.

De acordo com o costume nitidamente brasileiro, a maior parte da atividade literária de Estevão de Mendonça foi realizada na imprensa. Inúmeros foram os jornais e revistas em que colaborou, sem jamais auferir qualquer proveito do jornalismo, que comparava à túnica de Nessus. Muito jovem, em 1897, a instâncias do pai, resolveu ir para Corumbá, dedicar-se ao comércio. Para isso, apresentara-se aos sócios de firma Barros, Antônio Pedro Alves de Barros e Francisco Mariani Wanderlei. Este recomendou-o a um amigo, Coronel Magalhães, que o recebeu amistosamente mas advertiu-o que devia abster-se das cogitações um assunto: jornal. Disse-lhe mesmo com firme convicção:

- Só devemos cuidar aqui apenas de coisas sérias...

Entretanto, à noite, Pedro Trouy conseguiu dele a promessa de um artigo para “**O Autonomista**”.

Evidentemente, Estevão não nasceu para o comércio, do qual logo desistiu em busca de sua verdadeira vocação. Voltou para Cuiabá tendo prestado concurso para a cadeira de Geografia e História, então englobada, do Liceu Cuiabano, cargo em que se aposentou. Exerceu ainda outras funções, como a de advogado provisionado, tudo em caráter eventual. Espírito contemplativo, afeito ao refúgio dos livros, jamais ambicionou o poder nem se iludiu com as aparências do mundo. Por três vezes recusou convites para candidatar-se às eleições para deputado estadual e, em 1932, não aceitou o convite para Interventor Federal no Estado, cargo que foi então ocupado pelo Dr. Leônidas de Matos.

Discípulo confesso de Renan, Estevão de Mendonça revelou certo ceticismo, em consonância com o mestre. No entanto, ele parecia preocupado com a imortalidade. É conhecida a sua frase: *morre para sempre quem morre em Cuiabá*”. Com isso, ele queria significar que, morrendo em Cuiabá, a pessoa não só desaparece do número dos vivos, como se apaga da memória dos conterrâneos.

Por outro lado, em uma passagem do livro “**Memórias de um Cuiabano**”, Estevão consignou os seguintes versos:

*“O tempo tudo consome
É esta a verdade crua,
De muita gente o renome
Só fica se fica o nome
Na placa de alguma rua”.*

Poderia ele ter acrescentado o que Mário de Andrade escreveu em um de seus poemas: “*Desconhecido como os nomes de certas ruas / Como esse Quincas Lopes / da rua onde moro. / que não sei quem foi*”.

Estevão de Mendonça é nome de rua e não é desconhecido, pois vive na saudosa recordação dos que o conheceram e daqueles que, não o tendo conhecido, sabem do quanto ele realizou na seara das letras.